A arte como imitação de uma realidade idealizada

"A arte para os Gregos era mais especializada e restrita do que tinha sido até então, precisamente porque a textura da vida era notavelmente cheia e rica. Obcecados pela curiosidade acerca do que os rodeava não se satisfazendo com realizar meramente uma tarefa, como os Egípcios, ou uma batalha, como os Assírios, os Gregos começaram a dividir a sua vida em compartimentos estanques, para cada um dos quais elaboraram cuidadosamente um modo de expressão: para o pensamento puro, a filosofia; para contar histórias, a poesia épica; para a expressão emocional, a poesia lírica, etc. Até imaginaram uma espécie de ministério das artes, com a sede no Monte Parnaso e as nove musas como chefes de repartição, ainda que fosse suficientemente significativo que a pintura e a escultura não tivessem musas. A teoria grega de que cada arte deve relacionar-se unicamente com o seu próprio departamento de experiência e que a competência da pintura e da escultura era exprimir a admiração dos Gregos pela perfeição física no adolescente e (mais tarde) no adulto, era uma teoria de especialista, e, com a sua característica determinação, os Gregos começaram a pô-la em prática. […]

A descoberta da escultura grega nã0o foi algo tão simples como um cânone da perfeição física. Foi uma apresentação do ser humano, idealmente adaptado ao ambiente. O que nos fica na memória não é simplesmente a beleza de um membro ou da feição, mas a beleza do ritmo e do gesto. Todos os problemas da vida para os escultores gregos parecem ter sido resolvidos nos ginásios. […] Para mim, a fraqueza da teoria grega da escultura consistiu em procurar uma meta atingível. A partir de certo ponto nada mais poderia ser feito. Caminhava, ao longo de uma estrada difícil e fascinante, directamente para um beco sem saída. Demorou três séculos e meio para chegar ao fim, e ao atingi-lo teve de morrer, não como as outras escolas de pintura e escultura morreram, por um abrandamento da tensão na própria visão do artista, mas porque tinha literalmente realizado tudo o que planeara. Atingira a perfeição, o ponto mais perigoso que o ser humano pode alcançar, pois a perfeição implica imobilidade e a imobilidade implica morte. A escultura grega não só idealiza, mas também isola a forma. Quando vemos uma escultura grega sem cabeça não nos preocupa saber como era a cabeça: sabemos que a cabeça, nada nos diria. Não alteraria o carácter da estátua, porque a estátua dificilmente teria carácter. Uma Vénus grega sem braços não é incompleta: não nos desperta curiosidade saber o que faria com os braços. Sabemos perfeitamente que nada estava a fazer. A intensidade do amor físico forneceu à tragédia grega alguns dos seus temas mais sangrentos, e contudo a estátua da Afrodite de Cnidos não pode ostentar mais do que a perfeição física. Não tem intensidade. […]

É fácil – talvez demasiado fácil – insistir nas limitações do génio helénico. Venerar a beleza física e usá-la como matéria-prima para escultura pode não nos parecer um programa muito difícil ou subtil. Mas divinizar as infinitas possibilidades rítmicas do corpo humano em acção necessita de uma visão de outra ordem. Impor estes ritmos na arte de todo um continente por um período de muito séculos é uma prova de génio. A veneração dos Gregos pelo Homem levou-nos até a conceber os deuses à imagem do Homem. Na arte grega, Deus e o Homem são indistintos pois não dependem da sua função mas da sua aparência. […]
O que quero dizer é apenas que a arte grega, ao excluir do seu âmbito, aquilo a que se chama alma humana, se propôs uma tarefa que podia ser, e foi, completa e perfeitamente realizada. Sempre se encaminhou para uma meta que estava bem dentro das possibilidades humanas, e a viagem era mais interessante do que a chegada."
Newton, E. (1964). *Pintura e Escultura Europeias.* Lisboa: Ulisseia. (pp.82-89).